

Este é um bom momento para fazer negócios no Brasil. Esta é a mensagem que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central (BC), Arminio Fraga, levarão a banqueiros e a investidores internacionais, na próxima semana. Em Nova York, na segunda-feira, eles deverão reunir-se com representantes de algumas das principais instituições financeiras do Primeiro Mundo. Seu objetivo, segundo Fraga, será não só a reativação dos financiamentos comerciais, muito reduzidos nos últimos dois meses, mas a manutenção e até a ampliação de todos os tipos de aplicações. Uma instituição com grandes interesses no País, o banco espanhol Santander, anunciou em Madri, ontem, que pretende manter uma linha de crédito comercial de US\$ 600 milhões para o País. Essa decisão, disse o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, é um estímulo para que outras instituições normalizem o crédito ao Brasil.

O encontro será no escritório regional do Federal Reserve (Fed, o banco central americano). O governo brasileiro será apoiado, nesse contato com os banqueiros, pelo Fundo Monetário Internacional, pelo Banco Mundial (Bird) e pelo BID, já comprometidos com o grande pacote de financiamento programado para os próximos 15 meses. O diretor-geral do Santander para as Américas, Francisco Luzon, acrescentou seu aval àquele já fornecido pelas instituições multilaterais e pelo Tesouro dos Estados Unidos: o acordo com o Fundo, afirmou, é extremamente positivo e, se o mercado ainda não teve essa percepção, deverá tê-la nas próximas semanas, "porque a economia brasileira continua funcionando".

A mensagem que Malan e Fraga levarão a Nova York não será a de um País à beira da insolvência ou paralisado por uma crise avassaladora. Poderão falar de uma economia com superávit comercial superior a US\$ 5 bilhões em 12 meses e com perspectiva de um saldo igual ou maior em 2003. Mostrarão que o déficit em conta corrente vem caindo de forma consistente, a partir de 1999, e tem-se tornado muito mais administrável. Terão como afirmar que o governo está comprometido com a obtenção de um robusto superávit primário – e que a meta fiscal para o próximo ano foi aceita pelos principais candidatos à Presi-

dência. Nenhuma das mudanças pretendidas por esses candidatos implica o abandono da seriedade monetária nem do regime cambial inaugurado há pouco mais de três anos.

Caberá recordar que ocorreram, nos últimos anos, inovações de grande alcance na esfera institucional, como a legislação de responsabilidade fiscal, a reforma dos bancos oficiais e a renegociação com Estados e municípios. Faltam reformas importantes, de que o próximo governo deverá cuidar, mas o

que se fez até agora já constitui um ativo considerável.

As autoridades, além disso, têm sabido reagir às turbulências dos últimos anos, manejando com disposição tanto os freios monetários quanto os controles fiscais. Mas não se têm limitado a ações defensivas. O governo continua ativo nas negociações internacionais de comércio, tem procurado reformular os instrumentos de incentivo à economia e foi capaz, nas últimas semanas, de montar um programa de emergência para financiamento à exportação, com

apoio de entidades financeiras multilaterais.

Ontem mesmo, o Banco Central informou ao mercado as condições de uso dos US\$ 2 bilhões que deverá destinar a esse tipo de crédito. Esse dinheiro é parte de um total de R\$ 14 bilhões, aproximadamente, que instituições governamentais deverão pôr à disposição dos ex-

portadores para que possam trabalhar com alguma normalidade.

No meio de todas as dificuldades que têm afetado a economia brasileira, desde o ano passado, al-

Malan e Fraga poderão falar de um Brasil capaz de manter o rumo na crise

guns setores vêm exibindo um notável desempenho. O agronegócio continua a crescer, criando empregos e gerando receita em moeda forte. A pauta de exportação tem mudado, com a incorporação de produtos novos e de setores dinâmicos. São dados concretos e não promessas de longuissimo prazo. Não será o exercício do ritual democrático do voto que destruirá tudo isso. O mercado parece começar a perceber essa verdade simples. Torná-la ainda mais clara será a missão dos que falam pelo Brasil na reunião de segunda-feira.